

ESTAR AQUI, ESTAR LÁ : A EXPERIÊNCIAS DE MIGRANTES BRASILEIROS EM PORTUGAL NO SEC XXI E AS MUDANÇAS NOS PROJETOS MIGRATORIOS

Leonardo Matheus da Silva¹, Gláucia de Oliveira Assis²

1 Acadêmica do Curso de História – FAED – bolsista PIBIC/CNPq

2 Departamento de Ciências Humanas – FAED – glaucia.assis@udesc.br

Palavras-chave: emigrantes brasileiros, relações de gênero, Brasil-Portugal, projeto migratório.

O movimento de homens e mulheres brasileiros rumo ao exterior tem se intensificado, na segunda década do século XXI, colocando novas questões e problemas para aqueles que vivenciam a experiência de conviver entre dois lugares – o Brasil e os vários locais de destino dos emigrantes brasileiros. Este trabalho pretende analisar o ir e vir de i/emigrantes brasileiros entre o Brasil e os países pelos quais têm se espalhado os imigrantes brasileiros. Por meio de uma pesquisa etnográfica que envolve observação participante e a reconstrução das trajetórias de vida de migrantes, busco compreender os processos de transnacionalização vivenciados por mulheres e homens i/emigrantes. Nessas trajetórias, que muitas vezes envolveram projetos de retorno ao Brasil e re-emigração para a Europa procuro, a partir da perspectiva de Sayad, problematizar a noção de retorno, que embora constitutiva do projeto migratório nem sempre se concretiza. Dessa forma, analiso como os projetos migratórios vão se transformando à medida que as experiências migrantes conectam os locais de origem e destino em complexas redes de relações transnacionalizadas.

O aumento da participação das mulheres nos fluxos migratórios internacionais é outra característica que tem colocado questões significativas para as teorias sobre migrações. Em geral, essas mulheres inserem-se no setor de serviços domésticos e utilizam-se de redes sociais informais, os chamados enclaves étnicos de imigrantes, trabalhando como donas-de-casa ou empregadas domésticas (Morokvasic, 1984, Anthias, 2000, Forner 2000, Assis, 2004, 2007). Floya Anthias¹ ao analisar as migrações que ocorreram para o sudoeste da Europa no final do século XX, destaca que não se trata de reconhecer a importância proporcional das mulheres ou sua contribuição econômica e social, mas sim considerar o papel dos processos, do discurso, bem como as identidades de gênero, no processo de migração e estabelecimento na sociedade de destino. No que se refere à presença das mulheres imigrantes nos Estados Unidos, embora desde a década de 1930 as mulheres sejam a maioria nos fluxos legais, segundo Marion F. Houston, Roger Kramer e Joan Barret (1984) elas permaneceram invisibilizadas nos estudos sobre migração, situação que só começara a se modificar a partir da década de 1970, conforme

¹ ANTHIAS, 2000.

demonstram os estudos de Patricia Pessar (1999), Sylvia Chant (1992) que revelam a virada teórica que significou trazer a categoria gênero para pensar os processos migratórios².

O aumento da participação feminina, a partir de 1970, ocorre em um contexto de crescimento das migrações internacionais a partir da segunda metade do século XX. Os migrantes contemporâneos, diferentemente de seus antecessores, contam com um sistema de comunicações e transporte mais barato e eficiente, o que diminuiu as distâncias e tornou mais frequentes os contatos entre a sociedade de origem e a sociedade de destino configurando espaços de relações transnacionais.

No entanto, assim como as mulheres imigrantes que chegaram no final do século XIX e início do século XX, as imigrantes do final do século XX e início do século XXI, se deparam com um mercado de trabalho segregado por gênero e racializado. Embora muitas dessas emigrantes sejam provenientes de camadas médias (não somente, mas também), mais escolarizadas e com maior qualificação, permanecem se inserindo no setor de cuidados e serviços domésticos, assim como no mercado do sexo, concentrando-se em certas ocupações consideradas tradicionalmente femininas. Outro dado importante é que essa inserção não é diferenciada apenas por gênero, mas também por raça e origem nacional.

Ao analisar as representações sobre mulheres imigrantes recentes para a Europa, Anthyas (2000) evidenciou como elas são categorizadas diferentemente, segundo padrões raciais e origem nacional. Algumas seriam patologizadas como vítimas (como as mulheres do Sri Lanka), outras seriam desejadas por sua suposta submissão (como as mulheres das Filipinas), outras seriam desejadas por sua beleza considerada dentro do padrão ocidental (como as mulheres do Leste Europeu).

No caso das mulheres imigrantes brasileiras nos Estados Unidos³, também podemos observar essas categorizações. Às representações de sensualidade e beleza da mulata, que na Europa muitas vezes relacionam à imagem da prostituição e da discriminação, agrega-se a imagem de mulher carinhosa, de boa esposa e mãe, o que confere uma certa vantagem às mulheres brasileiras no mercado matrimonial em comparação aos homens brasileiros. No caso das mulheres entrevistadas nessa pesquisa, em sua grande maioria descendentes de imigrantes italianos que chegaram ao Brasil no século XIX, são mulheres brancas de camadas médias e médias baixas que ao migrar descobrem que não são reconhecidas da mesma forma que eram vistas no Brasil, assim ao transitarem nas representações da mulher brasileira, essas mulheres brancas acionam esses atributos racializados mulher brasileiras para se inserirem positivamente no mercado matrimonial. É nesse plano em que se cruzam os afetos, gênero, raça mercado matrimonial e dinheiro que pretendo fazer as considerações desse artigo, analisando as trajetórias de algumas emigrantes que se casaram como norte-norte-americanos no qual as mulheres brasileiras utilizam-se dos estereótipos ligados a sensualidade da mulher brasileira para conseguir o seu *marido norte-americano*, como elas dizem.

² Uma discussão mais detalhada sobre as mulheres nas migrações contemporâneas encontra-se em Morokvasic (1984), Gil (1996), Pessar (1999), Fonner (2000), Anthyas, (2000),

³ Os primeiros estudos sobre esse movimento, assim como nos estudos clássicos de migração, a questão de gênero não era problematizada. Pesquisas recentes procuram compreender essa nova configuração ao demonstrar diferenças na inserção no mercado de trabalho: enquanto as mulheres concentram-se, como outras imigrantes latinas, na área do serviço doméstico, os homens dirigem-se para o setor da construção civil e de restaurantes. Além de analisar essa inserção, os estudos começam a problematizar as mudanças nas relações familiares e de gênero.

Com relação às motivações para a migração, este artigo busca ainda relativizar ou matizar as análises sobre as motivações para partir, para permanecer e para retornar ao país de origem. As entrevistas realizadas com as mulheres e também com os homens, revelam outro conjunto de fatores de ordem não econômica que parece ter impacto na seletividade da migração e que é mencionado mais por mulheres, do que por homens. Os migrantes desejam entre outras coisas, transgredir os limites sexuais impostos pela sua sociedade de origem, fugir de problemas conjugais/afetivos, violência física, “dar um tempo” na relação, começar uma nova vida após o divórcio, falta de oportunidades e por fim acesso à sociedade de consumo. Esses motivos, não aparecem imediatamente quando conversamos com os imigrantes, mas a medida que relatam seu percurso migratório demonstram que tiveram peso na decisão de migrar, como veremos a seguir. Assim o projeto migratório anunciado “*comprar uma casa, um carro e montar um negócio*” muitas vezes é modificado ao longo da experiência migratória.

Nesse artigo iremos discutir como esses marcadores são acionados e negociados por homens e mulheres brasileiros/as redefinindo seus projetos migratórios, relacionamentos familiares e afetivos.